

MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ:

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

MANUELA SOUTELLO MENDES DA FONSECA SANTOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM, PARÁ, BRASIL¹

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bacharel em Museologia pela UFPA.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2650-2872>

E-mail: msanulas@gmail.com

ALEGRIA CELIA BENCHIMOL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM, PARÁ, BRASIL

Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UF RJ). Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0920-992X>

E-mail: alegria.benchimol@gmail.com

LUISA MARIA GOMES DE MATTOS ROCHA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFF). Docente no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (Unirio/MAST) e no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica, Tecnologia e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4343-1452>

E-mail: luisa172413@gmail.com

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p95-121>

RECEBIDO

30/07/2020

APROVADO

05/01/2022

¹ Apoio financeiro de pesquisa: FAPESPA – Convênio 007/2019 (abril/2019 a janeiro/2021).

MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

MANUELA SOUTELLO MENDES DA FONSECA SANTOS, ALEGRIA CELIA BENCHIMOL, LUISA MARIA GOMES DE MATTOS ROCHA

RESUMO

No Brasil, os museus universitários surgiram a partir da incorporação de instituições existentes ou através da criação de museus interligados ao ambiente universitário. Estes espaços têm particularidades que os diferenciam dos demais museus, porém, sem excluir as definições adotadas em esfera maior. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), existem cerca de 12 espaços que se mostram como museus ou coleções universitárias. Por este número significativo, o questionamento que norteia o trabalho é quais são as ações que estes locais promovem, considerando o ambiente universitário e a tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão que rege as universidades brasileiras. O objetivo é apresentar quais ações os museus e coleções universitárias da UFPA desenvolvem. As informações foram coletadas a partir de documentos institucionais e dos *sites* dos institutos e do Portal da UFPA, com o propósito de observar como esses lugares são citados e de que maneira são retratados. Os resultados indicam que nem todas as áreas são citadas por seus institutos ou pela própria universidade, mesmo que desenvolvam atividades que contribuem para o ensino, pesquisa e extensão. Museus e coleções universitárias podem contribuir para a difusão científica, cultural e tecnológica, elevando a visibilidade da diversidade de coleções da instituição, no entanto, o reconhecimento desses locais é fundamental para a viabilização do seu desenvolvimento e para o crescimento da universidade.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária, Ensino superior, Pesquisa científica, Museus universitários.

MUSEUMS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ: TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION

MANUELA SOUTELLO MENDES DA FONSECA SANTOS, ALEGRIA CELIA BENCHIMOL, LUISA MARIA GOMES DE MATTOS ROCHA

ABSTRACT

In Brazil, university museums emerged by incorporating existing institutions or by creating museums linked to the university environment. These spaces present particularities that differentiate them from other museums, but without excluding the broader definitions adopted. The Federal University of Pará (UFPA) has around 12 spaces that can be considered a museum or university collection. Given this significant number, the research question asks “what are the actions promoted by these places?”, considering the university environment and its triad of teaching, research and extension in Brazil. It seeks to present the actions developed by UFPA museums and university collections. Data were collected from their institutional documents, the institutes’ official websites, and the UFPA Portal, to observe how these spaces are cited and portrayed. Results show that not all museums are mentioned by their Institutes or by the University itself, despite developing activities that contribute to teaching, research and extension. Museums and university collections can contribute to scientific, cultural and technological diffusion, enhancing the visibility of the diversity of university collections; but this require recognizing these spaces, thus enabling their development and the growth of University.

KEYWORDS

University extension, University education, Scientific research, University museums.

1 INTRODUÇÃO

Os museus universitários surgem no Brasil com a incorporação de instituições existentes ou com a criação de museus interligados ao ambiente universitário. Estes locais possuem particularidades que os diferenciam dos demais museus, porém, não devem excluir as definições adotadas em sentido maior. Para entender as singularidades dos museus universitários, é necessário compreender o que é um museu. Para isso, é importante ressaltar o conceito do Conselho Internacional de Museus (International Council of Museums – Icom) e da Lei n. 11.904, que cria o Estatuto de Museus no Brasil.

Desse modo, o Icom (organização criada em 1946 com a missão de servir aos museus e seus profissionais), “comprometida com a pesquisa, conservação, preservação e comunicação para a sociedade do patrimônio natural e cultural mundial, presente e futuro, tangível e intangível” (ICOM, 2017, p. 2), estabelece que

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, o qual adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu ambiente, com propósito de educação, estudo e lazer² (ICM, 2017, p. 3, tradução nossa).

2. “A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.”

Ao passo que, no país, com a sanção da Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009, é firmado, no art. 1, que os museus são

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

No caso dos museus universitários, autores apontam o que poderia caracterizá-los, quais atividades deveriam desenvolver e quais funções lhes são inerentes. Sendo assim, para Almeida, um museu universitário deve atender à definição estabelecida pelo Icom e exercer atividades como:

abrigar/formar coleções significativas para o desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão; dar ênfase de pesquisas a partir do acervo; manter disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções; participar da formação de trabalhadores de museus; propor programas de extensão: cursos, exposições, atividades culturais, atividades educativas baseadas nas pesquisas e no acervo; manter programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros [...]. Esses programas também são frutos de pesquisas (ALMEIDA, 2001, p. 5).

Para Bragança-Gil (2005, p. 49-50), um museu universitário deve estar integrado a uma universidade; dar atenção ao estudo, conservação e apresentação das coleções em seu domínio, tem como missão “constituir a ‘face visível’ da universidade ao grande público”, ou seja, atrair o público externo à universidade, para mostrar o que é feito na instituição; tem a responsabilidade de salvaguardar e valorizar o patrimônio histórico-artístico que possui; e se diferencia dos outros museus por realizar suas atividades no meio universitário, “dando origem a uma instituição híbrida que projeta a universidade nas populações que não a frequentam [...] bem como nos jovens que nela pretendem ingressar”.

Almeida (2001, p. 5) ressalta que, por estar no meio acadêmico, o museu universitário possui uma fonte rica de recursos que deveria ser aproveitada ao máximo, pois a universidade é uma “produtora de conhecimento, como espaço de experiência e de formação”. Apesar disso, Bragança-Gil (2005) salienta que este local só terá real relevância se houver a compreensão e entendimento pelos seus gestores de proporcionarem ao espaço recursos humanos e financeiros. O cargo de chefia necessita de profissionais que estejam cientes do compromisso

que lhes é incumbido, isto é, de salvaguardar o patrimônio pertencente aquele lugar; a direção exige conhecimentos de tipologia e museológicos, segundo o autor. Além da falta de reconhecimento por parte dos pares, o autor defende que

“para que os museus universitários cumpram as missões que lhe[s] cabem é necessário que os órgãos de cúpula das universidades em que eles existem lutem por eles como organismos de pleno direito da sua universidade [...]” (BRAGANÇA-GIL, 2005, p. 51).

O (não) reconhecimento dos museus pela instituição que o detém afeta o seu desenvolvimento.

A partir das considerações dos autores supracitados, percebe-se a proximidade dos museus com a pesquisa, o ensino e a extensão devido a sua inserção na universidade, porque são instituições aptas “[...] a produção e sistematização do conhecimento, e comprometidas com a extroversão e socialização destes processos e de seus resultados” (BRUNO, 1997, p. 48), e reúnem

“[...] as demandas por legitimação e difusão dos saberes, experiências, sensibilidades e representações do campo científico e da vida acadêmica, sendo também responsáveis por apresentar a Universidade aos não universitários” (RIBEIRO, 2013, p. 92).

A posição de Ribeiro (2013) reafirma o exposto por Bragança-Gil (2005, p. 50) ao declarar que os museus universitários se tornam instituições que refletem “[...] a universidade nas populações que não a frequentam [...]”.

Há, ainda, as coleções universitárias que se diferenciam dos museus no fato de que as atividades exercidas sobre as coleções são mais restritas e nelas não há o compromisso de divulgação ou exposição do patrimônio, apesar de adquirir, conservar e pesquisar (MARQUES; SILVA, 2011).

No âmbito da Universidade Federal do Pará (UFPA), foram localizados 12 espaços que apresentam características de museus ou coleções universitárias, e alguns se autodenominam como museus, os quais serão apresentados no tópico seguinte. Ainda que o número seja relativamente alto, veio à tona o questionamento: quais são as ações que estes locais promovem? A questão é colocada considerando o ambiente universitário no qual estão inseridos e a tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão que rege as universidades brasileiras.

Logo, o objetivo deste trabalho é apresentar quais ações os museus e coleções universitárias da UFPA desenvolvem. Para isto, as informações

a serem expostas adiante são oriundas dos sites desses museus/coleções, sites dos institutos e do Portal da UFPA. Além disso, foram verificados documentos institucionais da universidade e dos institutos, como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e regimentos internos, a fim de observar como estes espaços são citados e de que forma são retratados.

2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A UFPA, criada em 1957 por meio da Lei n. 3.191, tem 12 *campi* no estado do Pará, tendo sua sede, Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto, instalada na capital, somando 15 institutos. Ademais, a universidade possui uma escola de aplicação, dois hospitais universitários, uma escola de teatro e dança, uma escola de música, 27 polos de educação à distância (EAD) e oito núcleos. Detém, ainda, mais de 500 cursos de graduação distribuídos entre capital e interior e há por volta de 300 pós-graduações, entre mestrados, doutorados, especializações e residências (UFPA, 2019).

De acordo com o Regimento Geral (PARÁ, 2006) e com o Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2025 (2017), existem definições para o ensino, pesquisa e extensão. É importante ressaltar a missão da instituição, que consiste em “produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade inclusiva e sustentável” (UFPA, 2017b, p. 31).

Em relação ao ensino, pesquisa e extensão, foram encontradas no regimento seções referentes a cada um, inclusive uma separada sobre ensino de pós-graduação. Com relação ao ensino, o documento aborda o caráter administrativo, sobretudo, os componentes curriculares, coordenação acadêmica, processo seletivo, matrícula, entre outros. Sobre a pesquisa, o regimento determina, no art. 184, que ela “objetiva gerar, ampliar e difundir conhecimento científico, tecnológico e cultural, sendo voltada, em especial, para a realidade amazônica” e estipula que ela deve se agregar ao ensino e à extensão, com o propósito de desenvolver e amadurecer as múltiplas atividades que são alvos da entidade (UFPA, 2006, p. 52). Relativo à extensão, o documento estabelece, no art. 192, que esta

[...] é um processo educativo, cultural e científico articulado ao ensino e à pesquisa, de modo indissociável, que promove a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade por meio de ações acadêmicas de natureza contínua que visem tanto à qualificação prática e à formação

cidadã do discente quanto a melhoria da qualidade de vida da comunidade envolvida (UFPA, 2006, p. 55).

Ainda sobre a extensão, consta no Regimento Geral que estas atividades serão realizadas através de projetos, programas, cursos, eventos e outras ações a serem estabelecidas por meio de resolução (PARÁ, 2006).

No PDI 2016-2025, a política de ensino encarrega-se de unir os conhecimentos tradicionais aos saberes e realidades diversas que compõem o “cenário social, regional, nacional e mundial”, valorizando-os. A universidade dedica-se a “instituir em sua política ações voltadas para a inclusão e para o reconhecimento da diversidade” (UFPA, 2017b, p. 63). Entre os caminhos seguidos pela UFPA para o delineamento da política de ensino estão (UFPA, 2017b, p. 64-67):

- flexibilidade curricular com diversificação das possibilidades de integralização curricular;
- diversificação dos cenários de aprendizagem e das estratégias metodológicas;
- incentivo à realização de práticas pedagógicas inovadoras, que se utilize de tecnologias e metodologias como elementos estratégicos para a alteração das formas tradicionais de ensinar e aprender, tornando-as mais motivadoras e significativas;
- fortalecimento da relação da educação superior com a educação básica por meio de troca de experiências pedagógicas, da formação de professores adequada às demandas atuais da escola básica;
- diversidade, diferença e inclusão;
- valorização das dimensões artístico-culturais no processo de formação profissional em nível superior;
- atualização dos projetos pedagógicos: reconhecimento do projeto pedagógico como instrumento basilar da organização e desenvolvimento do trabalho acadêmico;
- centralidade no desenvolvimento profissional contínuo de professores, avaliação permanente.

As políticas de pesquisa firmadas no PDI 2016-2025 estão atreladas às políticas de pós-graduação. Estas esferas compõem um único seguimento, no qual está inserida a “formação continuada e produção de conhecimento” (UFPA, 2017b, p. 68). Conforme o documento, a pós-graduação tem como

princípios: o atendimento às demandas da comunidade; o aperfeiçoamento reflexivo acerca da sociedade brasileira, observando a diversidade e as particularidades; e assegurar a qualificação profissional, favorecendo a produção de conhecimento, criatividade, inovação e resolução de problemas que contribuam para o desenvolvimento da região. Por conseguinte, a pesquisa abrange tanto a comunidade acadêmica quanto os servidores da universidade, por meio de programas de iniciação científica, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e programas de aperfeiçoamento de docentes e técnico-administrativos, como o Programa de Apoio à Qualificação de Servidores Docentes e Técnicos Administrativos (PADT). Essas e outras iniciativas ofertadas na instituição visam ao aprimoramento social e político dos profissionais, para que eles exerçam o seu papel na formação da comunidade que se dirige a UFPA (UFPA, 2017b, p. 68-69).

Com relação à extensão, o documento atribui que esta

“é assumida enquanto atividade acadêmica responsável, em sentido estrito, pela articulação do ensino e da pesquisa, assim como pela relação entre a própria universidade e a sociedade” (UFPA, 2017b, p. 70).

A UFPA integra à extensão a aquisição e a produção de conhecimento por meio de projetos e programas com o intuito de promover o desenvolvimento social do estado e da região em que está inserida. Assim, entre algumas das estratégias empregadas para a efetivação da extensão estão: incorporação de parte das horas curriculares de cursos para atividades de extensão, o incentivo de criação de componentes de ações extramuros no currículo de graduações e a promoção do “exercício da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, com a finalidade de garantir a dimensão acadêmica na formação discente”. Além disso, a universidade firmou as coordenações de extensão em suas unidades, como institutos, núcleos e *campi*, a fim de consolidar as atividades e ações de extensão universitárias, englobando a especificidade de cada área de formação (UFPA, 2017b, p. 70).

O caráter indissociável entre ensino, pesquisa e extensão é empregado pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016, p. 123), no art. 207: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Para Puhl (2016), as instituições de ensino cumprem com os seus objetivos e finalidades ao integrar ensino, pesquisa e extensão em suas atividades. A universidade tem como cerne a

produção de conhecimento, tornando-se o ambiente para isto e agregando o conhecimento a sua existência (GONÇALVES, 2015; PUHL, 2016).

De acordo com Gonçalves (2015, p. 1236), o princípio da inseparabilidade entre as esferas “constitui uma proposição filosófica, política, pedagógica e metodológica para a formação e o conhecimento desenvolvidos na e pela universidade”. A autora ainda ressalta que isto advém das demandas por modificações importantes no que se refere à função da instituição. Puhl (2016, p. 230) salienta que a compartimentalização de conhecimento em diferentes áreas necessita ser ultrapassada, tendo em vista os ideais universitários ao estabelecerem suas políticas, logo, a integração entre ensino, pesquisa e extensão contribui para a interdisciplinaridade entre as áreas. “É na mútua contribuição que se afirma a especificidade de cada ciência na construção dos espaços acadêmicos e do mundo comum. A relação triunfadora dá identidade às universidades [...]” (PUHL, 2016, p. 230). O exercício do princípio indissociável entre ensino, pesquisa e extensão nas unidades acadêmicas, atrelado a interdisciplinaridade, reflete-se nos museus e coleções universitárias, pois estes espaços necessitam da atuação de diferentes áreas do conhecimento e contribuem para a tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão (comunicação).

3 MUSEUS E COLEÇÕES DA UFPA

Museus e coleções universitárias têm características que os diferenciam dos demais, mas estes espaços também apresentam desafios em várias esferas relativas ao seu funcionamento. Martins (1988), ao tratar de museus e coleções de zoologia, expõe que as relações administrativas são bem diversas: um museu, representado pelo diretor, responderia diretamente à reitoria, tornando as resoluções mais rápidas; enquanto isso, se a relação for departamental, um chefe de departamento para se dirigir à reitoria precisa passar por outras esferas superiores ao departamento. O autor ressalta que a hierarquia e a burocracia universitária dificultam o crescimento de museus e coleções, principalmente os pequenos, aqueles relacionados aos departamentos, no que diz respeito a recursos e funcionários. Nesse caso, é possível associar essa situação com os museus institucionalizados pela universidade e os não institucionalizados. Os primeiros respondem diretamente à reitoria, enquanto os outros necessitam perpassar por diversos setores antes de se reportarem a ela.

Scheiner (1992) atenta para o caráter educativo dos museus universitários ao abordá-los como espaço de ensino não formal³. A autora louva os museus devido aos seus acervos e profissionais especializados que se empenham com a pesquisa e produção de saber, porém, enfatiza que a falta de pessoal de áreas como Museologia, Educação e Comunicação “[...] concorre, também, para que muitos desses museus encontrem dificuldades em renovar seus métodos de concepção, apresentação, interpretação e comunicação [...]” (SCHEINER, 1992, p. 18). Assim, é necessária uma equipe interdisciplinar para que estes espaços alcancem o público de forma efetiva, a fim de que a comunicação não se restrinja apenas entre seus pares.

Bruno (1992, p. 28) aponta que “[...] os museus sempre foram espaços privilegiados para a pesquisa e para o desenvolvimento do conhecimento científico [...]”, sobretudo com áreas afins as suas coleções. A autora determina que estes locais precisam de “estabilidade institucional” e estar administrativamente organizados, desse modo é possível “o trabalho interdisciplinar e o ininterrupto contato com o seu público” (BRUNO, 1992, p. 29). Ademais, as universidades oferecem para os museus a atuação “nos seus três principais campos: pesquisa, docência e prestação de serviços à comunidade” (BRUNO, 1992, p. 30). Para a autora, a integração de museus a universidades “contribui para estabilidade dos museus” (BRUNO, 1997, p. 48-49), além do quadro de pessoal e financiamento. Em contrapartida, os museus têm importância para as universidades, pois permitem desenvolver com eficiência as funções de ensino, pesquisa e extensão.

Outro ponto a ser destacado é a inserção na organização acadêmica, sobre a qual Bruno (1997, p. 49) ressalta que é equivocado,

[...] a ausência de instalações tecnicamente adequadas para a implementação do processo curatorial, o não reconhecimento da produção científica relacionada aos estudos museológicos, os impedimentos

3. Marandino (2017, p. 811) aponta que a utilização dos termos “formal”, “não formal” e “informal” é contestável e isso torna complexa a definição de tais termos. Na literatura de língua portuguesa, o ensino externo a escola é geralmente dividido em não formal e informal, vinculando o “[...] último aos ambientes cotidianos familiares, de trabalho, do clube etc”. Entretanto, o não formal, baseado em Gohn (1999 apud MARANDINO, p. 812-813), estaria focado no indivíduo, abordando vários aspectos como a aprendizagem de habilidades, de “política dos direitos”, capacitação para o trabalho, entre outros. Marandino (2017, p. 811) caracteriza o ambiente não formal como “[...] as associações de bairro, os sindicatos, as organizações não-governamentais, os espaços culturais e as próprias escolas [...]”, excluindo os ambientes que caracterizam o ensino informal, pois se configuram como espontâneos e duradouros.

referentes à progressão das carreiras docentes e técnicas no âmbito dos museus, são apenas alguns dos indiscutíveis sintomas que constroem essas instituições em relação às suas responsabilidades sociais.

A escassa produção de capital científico por parte dos museus contribui para estes sintomas indicados. Nesse sentido, Ribeiro (2013) reconhece que esta é a razão de não haver valorização o suficiente no meio universitário, colocando os museus numa posição inferior na luta por recursos e, até mesmo, para conseguir o mínimo para infraestrutura, manutenção, mão de obra, meios para publicação etc. A extensão universitária vem se mostrando o meio ideal para os museus ganharem notoriedade, pois são os locais de difusão de conhecimento para a comunidade externa à universidade. O desenvolvimento deste campo no meio acadêmico necessita da institucionalização dos museus como *locus* singular de extensão e diálogo, tornando oportuno o reconhecimento desses espaços no cenário universitário (RIBEIRO, 2013).

Marques e Silva (2011, p. 68) evidenciam que os museus universitários podem contribuir para a difusão científica, cultural e tecnológica por meio de exposições e ações, mas “nem sempre a comunidade acadêmica se empenha na criação de programas que atendam a demanda do público extramuros da universidade”. Baseadas em Santos (2006), as autoras expõem que esses espaços necessitam estar integrados na política universitária, que deve ser “sistêmica e estruturante, resultando de um processo de planejamento estratégico, envolvendo o coletivo dos museus” (MARQUES; SILVA, 2011, p. 69). Também defendem que os museus universitários precisam que o seu papel seja claramente definido pela universidade e que esta determine uma política para eles, a fim de que possam corresponder ao esperado pela comunidade acadêmica e não acadêmica.

Referente ao quantitativo de museus universitários, a fonte base é o banco de dados do Comitê Internacional para Museus e Coleções Universitárias (UMAC)⁴, criado em 2001 pelo ICOM, no qual consta, até o momento da pesquisa, 317 museus e coleções na América do Sul, 518 na América do Norte, 2.140 na Europa, 20 na África, 452 na Ásia e 335 na Oceania. O Brasil possui 200 museus e coleções registradas no banco do Comitê e o Estado do Pará detém 12 registros. Destes, nove estão localizados em Belém e seis são pertencentes à UFPA, sendo estes: Coleção Documental e Bibliográfica “Prof. Dr. Habib

4. INTERNATIONAL COMMITTEE FOR UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS. *Worldwide Database of University Museums and Collections*. Disponível em: <https://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Fraiha Neto”; Coleção Entomológica e de Animais Peçonhentos da Amazônia; Museu da Universidade; Museu de Anatomia Humana e Funcional; Museu de Geociência e Museu Interativo da Física.

Em novembro de 2019, através do projeto Patrimônio Cultural de Ciências e Tecnologia e Museus Universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas, coordenado pelo professor e pesquisador Marcus Granato, foi divulgada a lista⁵ de levantamento de museus universitários do Brasil identificados pela *internet*. Na referida lista constam quatro dos seis museus da UFPA presentes no banco do UMAC, que são os espaços com a nomenclatura “museu”.

Em um levantamento mais regional, centrado somente na UFPA, realizado nos anos de 2016 e 2017, Santos e Costa (2019) encontraram oito espaços existentes no campus universitário de Belém que podem ser caracterizados como museus ou coleções universitárias. De acordo com a pesquisa, até 2017, os espaços eram: Museu de Anatomia e Museu de Zoologia, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB); Museu da Educação, do Instituto de Ciências da Educação (ICED); Núcleo de Astronomia, Museu Interativo da Física, Laboratório de Demonstrações e Museu de Ciências, Tecnologia e Inovação, do Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN); e Museu de Geociências, do Instituto de Geociências (IG).

Além destes espaços, existe a reserva técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e o Museu da UFPA, o qual é externo ao campus universitário, criado pela universidade e único institucionalizado por ela.

Na metodologia empregada, a primeira etapa foi a busca dos regimentos dos institutos tendo como princípio recuperar cada museu, coleção ou laboratório pertencentes às unidades. Esta pesquisa teve sucesso ao encontrar todos os regimentos dos institutos, porém nem todos os museus, coleções e laboratórios. Nesta perspectiva, nos documentos que citavam os nomes de espaços correspondentes às unidades, foram encontrados os museus do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e o Museu do Instituto de Geociências (IG). Nos regimentos do Instituto de Ciências

5. MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Listagem museus universitários identificados via internet*. Disponível em: http://www.mast.br/images/projetos_de_pesquisa/2019/outubro/listagem-museus-universitarios-31-10-19.pdf. Acesso em: 25 jul. 2020.

Exatas e Naturais (ICEN) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) foram localizadas menções a laboratórios de informática, enquanto no Plano de Desenvolvimento da Unidade 2018-2020 (PDU) do Núcleo de Medicina Tropical - unidade que abriga as coleções encontradas no UMAC - há o Laboratório de Entomologia Médica e Artrópodes Peçonhentos.

Em relação aos regimentos, é citado no ICB que o Museu de Anatomia Humana e o Museu de Zoologia compõem os “órgãos complementares”, ao lado do Herbário e Orquidário como “coleções biológicas”. Estes órgãos, segundo o art. 36, “[...] constituem unidades complementares do ICB, de formação profissional e de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão” (UFPA, 2007, p. 18). Do mesmo modo, no Regimento do Instituto de Geociências (IG), o Museu de Geociências compõe os órgãos complementares, os quais têm o “[...] objetivo de colaborar em programas de ensino, pesquisa e extensão das subunidades acadêmicas” (UFPA, 2007, p. 3). No PDU 2018-2020 do Núcleo de Medicina Tropical a finalidade dos laboratórios é semelhante ao exposto nos Regimentos citados anteriormente, porém não é mencionado o ensino. Segundo o documento, “[...] a finalidade dos laboratórios visa atender a pós-graduação, pesquisa, extensão e iniciação científica” (UFPA, 2017a, p. 21).

Além destes espaços, há o Museu da UFPA – único criado e institucionalizado pela Universidade. Esse museu encontra-se tanto no Regimento Geral como no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). No PDI, está inserido em “órgãos suplementares”, que têm o intuito de desenvolver “[...] serviços especiais, com estrutura administrativa própria, podendo colaborar em programas de pesquisa, de extensão e de qualificação profissional das unidades acadêmicas [...]” e também atuam como “[...] instrumentos de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão e atuando dando suporte às atividades acadêmicas regulares” (UFPA, 2017b, p. 117).

Percebe-se que o ensino, a pesquisa e a extensão estão presentes nas atribuições dos museus e coleções universitárias da UFPA, seja por reconhecimento dos institutos ou da universidade. Infelizmente os espaços que não constam nesses documentos importantes sofrem um apagamento. Conforme os autores expostos anteriormente, é necessário o reconhecimento administrativo dos museus e coleções universitárias para que suas atividades possam desenvolver-se da melhor forma. Universidade e institutos precisam de políticas e definições para os seus espaços, que são escassas até o

momento, e é oportuno que trilhem o caminho em conjunto. Excetuando-se os institutos que citam seus espaços, sejam estes museológicos, de coleções ou que desenvolvam atividades semelhantes, no regimento, as outras unidades devem indicá-los em seus documentos, pois isso os tornarão reconhecidos nas esferas superiores (museus subordinados a departamentos), como mencionado por Martins (1988).

Em relação à universidade, os demais museus são mencionados no tópico “Organização Estudantil (Espaço para Participação e Convivência Estudantil)”, que são espaços voltados às ações de cultura e lazer, e entre estes estão

[...] o Vadião, muito utilizado para integração, cultura e lazer; a Capela Universitária; o Centro de Convenções, [...]; o complexo esportivo; os *museus*; os auditórios [...]; a livraria; as bibliotecas; os bosques e os espaços de contemplação [...]; os restaurantes, além de lanchonetes [...] (UFPA, 2017b, p. 135, grifo nosso).

Mais que espaços para cultura e lazer, os museus e coleções universitárias da UFPA estão a serviço da comunidade – seja acadêmica ou externa – e contribuindo ao ensino, à pesquisa e à extensão.

4 PANORAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A pesquisa, no campo de museus, está ligada à investigação, descobrimento e produção de conhecimento oriundo de coleções pertencentes a uma instituição ou das atividades que ela exerce e constitui uma das funções essenciais do museu, contribuindo para o seu funcionamento (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). A pesquisa dirigida para a produção de conhecimentos implica no ensino e na educação. O ensino como “ato ou prática de ensinar” (EDUCAÇÃO, 2020) também significa a própria educação. Esta prática educacional em museus reflete o caráter de ensino desta instituição e pode ser entendida como

[...] um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 38).

Os autores expõem que a educação museal é referente aos saberes de um museu, visando ao desenvolvimento do sujeito através da integração dos conhecimentos, desdobrando-se na “realização de novas

experiências” e em “novas sensibilidades” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 38-39). As atividades concebidas em museus objetivam a aprendizagem de saberes pelo público em um espaço não formal. Desprezando a formalidade de uma sala de aula, o museu permite a apreensão de conteúdos transmitidos no local e à apropriação dos assuntos abordados (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Nos espaços, quer sejam museológicos, de coleções ou de atividades que se assemelham a estas, pertencentes à UFPA, a busca de dados foi realizada através dos *sites* dos museus, por meio de informações no ambiente virtual dos institutos e pelo Portal da UFPA. Os locais foram agrupados pelos Institutos/Núcleo detentores, conforme será exposto a seguir.

4.1 Instituto de Ciências Biológicas (ICB)

O Museu de Zoologia foi criado em 2010 e desenvolve as atividades de curadoria no acervo de fauna, que advém de coleta pelo grupo de zoologia, com finalidades para pesquisa e didático⁶. Em uma série de quatro reportagens do Portal da UFPA, intitulada *UFPA em Série: Museus*, constata-se que esse ambiente é um projeto de extensão que contribui com materiais para feiras de ciências escolares, além de atender os cursos do ICB. Em 2012, foi apontado que esse museu iniciou uma parceria com o curso de Museologia da UFPA para melhorar o espaço e, conseqüentemente, a maneira como o acervo está exposto, pois o ambiente é pequeno e, devido ao espaço limitado, o museu não é aberto para visitação. Também é dito que há a proposta de realizar exposições itinerantes em vários locais, dentro e fora da universidade. Além disso, o espaço estava sendo reformulado na época com a intenção de aprimorar o atendimento, assim, estavam criando um “*kit* zoológico” organizado em assuntos e com roteiros de aulas para serem disponibilizados em caso de solicitação. Por fim, à época, o museu possuía por volta de três mil exemplares, divididos em artrópodes e cordados⁷. Relacionado a parceria com o curso de Museologia, nada se encontrou para confirmar tal ação.

6. INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS. Laboratórios. *Laboratório Museu de Zoologia – MZUFPA*. Disponível em: <http://icb.ufpa.br/sobre/laboratorios/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

7. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Conheça o Museu de Zoologia e o Museu Interativo da Física*. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=6040>. Acesso em: 13 jul. 2020.

O Museu de Anatomia Humana é integrado ao Laboratório de Anatomia Humana e Funcional (LAHF) e está localizado no ICB no campus básico da UFPA. Ele foi inaugurado em 2016,⁸ após reformas e melhoramentos no local. Dessa forma, o museu passou a contar com dois locais expositivos para visitação. O primeiro é o corredor de entrada, composto por televisores que exibem textos explicativos sobre anatomia, vídeos e divulgação do Museu Virtual, um *site* do museu que disponibiliza conteúdos de anatomia, além de fornecer informações sobre o local. O segundo espaço é a sala expositiva que conta com cerca de seis vitrines verticais, duas horizontais e um aquário com a múmia, objeto de destaque do museu.

As peças da coleção são integradas à tecnologia para difusão da informação. O ambiente abriga objetos de diversas tipologias, desde materiais sintéticos até fetos humanos, partes do corpo, esqueletos, fósseis, peças anatômicas em 3D. A maior parte dos exemplares está agrupada de acordo com os sistemas como: esquelético, muscular, respiratório, cardiovascular, reprodutor, nervoso, entre outros; além de uma pequena mostra de fósseis. O lugar abriga mais de 150 peças, que variam entre humano e animal, com ênfase na anatomia humana.

Em texto de 2013⁹ é citada a futura organização do Museu de Anatomia do ICB, que iria reunir as melhores peças conservadas para exposição, incluindo a múmia – um cadáver com mais de 20 anos que foi embalsamado com formol diversas vezes – que foi a única que pôde ser aproveitada pelo Laboratório de Neuroanatomia Funcional.

De acordo com o *site* do Museu Virtual¹⁰, o objetivo desse espaço é “servir como um veículo facilitador ao estudo da anatomia dos diversos sistemas do corpo humano [...] visando facilitar o processo ensino-aprendizagem da anatomia humana”. Dessa maneira, o recinto também atua como auxiliar em aulas práticas para diversos cursos

8. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *UFPA inaugura Museu de Anatomia Humana e Funcional*. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=11969>. Acesso em: 17 dez. 2019.

9. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *UFPA moderniza técnicas para conservação de peças anatômicas*. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=7126>. Acesso em: 4 abr. 2020.

10. MUSEU VIRTUAL. *O museu*. Disponível em: <https://museuvirtual.wixsite.com/ufpa/em-branco>. Acesso em: 8 abr. 2020.

superiores na área de saúde e está aberto para visitas tanto de escolas, quanto de público espontâneo, com o intuito de divulgar e simplificar o conhecimento sobre anatomia, incluindo a plataforma virtual na qual são disponibilizados materiais explicativos e atlas interativos sobre os sistemas presentes no corpo humano. No que diz respeito à inauguração do novo museu, a coordenadora do lugar relatou que:

Quando eu cheguei aqui, me surpreendi com a realidade do lugar, estava fechado, abandonado, era quase um depósito de lixo. Nós não tínhamos facilidade para lecionar nenhuma aula prática. Após reuniões, assumi a responsabilidade da administração do laboratório. Primeiramente, nós retiramos o lixo, depois, conseguimos recursos para as peças tridimensionais e, finalmente, criamos os projetos, entre eles, o Museu de Anatomia (UFPA, 2020).

O Museu de Anatomia Humana resiste devido aos esforços de professores, como esta coordenadora, que vão atrás de recursos para não deixar os espaços sem utilização, virando “quase um depósito de lixo”. Os museus universitários precisam de pessoas engajadas que não se acomodem com a situação precária, encontrada em alguns desses locais.

4.2 Instituto de Ciências da Educação (ICED)

Na página do ICED não há informações sobre o Museu da Educação, mas é possível encontrar uma matéria no Portal da UFPA, de 2017, sobre a discussão de reabertura do Museu da Educação que se deu com a realização do I Encontro do Museu da Educação (I EME). Segundo o texto, desde 2011 o museu é depósito dos diversos documentos a respeito da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, originária da década de 1950. Na época, mais da metade do material havia passado por higienização e catalogação, estando disponível para consulta na biblioteca do instituto e havia, também, a idealização de se criar um *site* para o museu. O encontro teve como intuito “legitimar a importância do Museu como um patrimônio da história da educação do Pará”¹¹.

11. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Evento debate reabertura do Museu da Educação na UFPA*. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=12711>. Acesso em: 13 jul. 2020.

4.3 Instituto de Ciências Exatas e Naturais (ICEN)

O ICEN é a unidade que mais possui espaços em seu domínio, destes, alguns se mostram mais notáveis que outros, como é o caso do Núcleo de Astronomia e do Museu Interativo da Física.

O Núcleo de Astronomia (Nastro), anteriormente intitulado de Clube de Astronomia, foi criado em 2004 a partir das ações constantes relacionadas à astronomia e à astronáutica realizadas por um grupo de alunos que compunham o Laboratório de Demonstrações (Labdemon) da UFPA. Mais tarde, o Nastro se converteu em projeto de extensão e está vinculado à Pró-reitora de Extensão da UFPA¹². O espaço se considera um centro de ciências e dedica-se à difusão da astronomia e astronáutica ao público geral, ofertando observações astronômicas, demonstrações de conceitos científicos, seminários, oficinas, palestras, entre outros. No Portal da UFPA foram recuperadas 11 notícias citando o Nastro, o conteúdo é referente à feira de ciências, workshops, eventos de observações astronômicas e iniciação científica.

O Museu Interativo da Física (MINF) foi criado em 2008 por meio de um grupo de alunos e professores que faziam parte do Labdemon. No mesmo ano, o espaço se transformou em projeto de extensão e está associado à Pró-Reitoria de Extensão da UFPA¹³. O seu objetivo é dar suporte à educação científica e tecnológica informal, disseminando conhecimento científico, com foco na física e na cultura. O recinto possui equipamentos interativos para demonstrações de conceitos, modelos históricos e recebe visitas de público geral, individual e escolar. Em uma matéria do portal da UFPA, de 2012, é exposto que o MINF é o único ambiente de divulgação e popularização de Física no modelo que pode se encontrar no Pará. Segundo o relato da direção, o museu pretende incentivar o interesse pela ciência e simplificar os conceitos estudados em escolas, tornando-o uma experiência agradável. O seu acervo é composto por réplicas de experimentos como “a Lâmpada de Edson, a Bobina de Tesla, a Garrafa de Leyden [...]” (UFPA, 2019a).

12. NÚCLEO DE ASTRONOMIA. *Breve Histórico do Núcleo de Astronomia da UFPA*. Disponível em: <http://www.nastro.ufpa.br/index.php/historico.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

13. MUSEU INTERATIVO DA FÍSICA. *Apresentação*. Disponível em: <http://minf.ufpa.br/index.php/inicio/historico/inicio-das-atividades>. Acesso em 13 jul. 2020.

O Laboratório de Demonstrações (Labdemon)¹⁴ foi criado em 2004 e é considerado um centro de ciência. Ele visa ao avanço da educação científica na região amazônica, à difusão da ciência, tecnologia e propõe tornar o aprendizado da física mais palatável, realizando ações para escolas de nível médio e fundamental, oferecendo oficinas na capital e interior com o intuito de ensinar os professores a construir experimentos de baixo custo para facilitar a aprendizagem. No portal da Universidade, foram recuperadas três publicações a respeito do laboratório abordando temas de feiras de ciências e iniciação científica para crianças.

Sobre o Museu de Ciências, Tecnologia e Inovação (MCTI) encontraram-se duas matérias no portal da UFPA. A mais recente, de 2017¹⁵, expõe que o museu foi fundado para criar um sentimento de paixão nos visitantes, utilizando ciência do mesmo modo que os pesquisadores são encantados por ela. No entanto, em notícia de 2015¹⁶, é detalhado que o Museu foi criado em 2013 e é o divulgador das pesquisas realizadas no Laboratório de Preparação e Computação de Nanomateriais (LPCN). Criado em 2009, é composto um grupo que atua com pesquisa, ensino, extensão e colabora com demais laboratórios e universidades, em âmbito nacional e internacional, além de materiais de História Natural, como filmes e réplicas de animais do período pré-histórico. Conta com mais de 20 bolsistas, recebe visitas de pequenos grupos e realiza palestras em escolas. O professor idealizador do projeto revela que se espelha em criar um local como os mais importantes do mundo, como o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu de História Natural de Londres e relata o anseio de que o espaço consiga mais investimentos para alcançar novos públicos e ampliar o conhecimento à comunidade.

14. LABORATÓRIO DE DEMONSTRAÇÕES. *Página Inicial*. Disponível em: <http://www.labdemon.ufpa.br/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

15. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Laboratório de Preparação e Computação de Nanomateriais promove evento sobre Ciência e Tecnologia*. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/745-laboratorio-de-preparacao-e-computacao-de-nanomateriais-da-ufpa-promove-workshop-sobre-ciencia-e-tecnologia>. Acesso em: 13 jul. 2020.

16. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Professor da UFPA cria museu e busca apaixonar visitantes pela ciência*. Disponível em: <https://ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=10564>. Acesso em: 27 jul. 2020.

4.4 Instituto de Geociências (IG)

O Museu de Geociências (MUGEO)¹⁷ é um dos museus mais antigos da UFPA. Criado em 1984, abriga uma coleção de materiais minerais e tem como objetivo a divulgação da área de geociências proveniente da região amazônica. Recebe visitas de escolas de Belém e Região e empenha-se em manter um rico programa para o público geral. Participa, anualmente, das atividades do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), como a Semana Nacional de Museus. Publica o Boletim do Museu de Geociências da Amazônia (BOMGEAM)¹⁸, que tem por finalidade a divulgação de temas científicos e culturais concernentes às geociências, assim como as ações desempenhadas pelo museu. Outro destaque é a possibilidade de consulta virtual ao acervo¹⁹ do MUGEO, que está organizado em Coleção UnB, Coleção Fernando de Noronha, Coleção Wards e Acervo Geral.

A pesquisa no portal recuperou 19 resultados, sendo somente oito referentes ao MUGEO, tratando sobre semana de geociências, semana de museus, eventos, entre outros. Dos ambientes que se encontram dentro do campus universitário da UFPA, este é o único que participa da Semana Nacional de Museus.

4.5 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

O IFCH possui uma das coleções mais antigas da Universidade, ao lado Museu de Geociências e Museu da UFPA. A reserva técnica do Laboratório de Antropologia Professor Arthur Napoleão Figueiredo possui coleções que foram reunidas, inicialmente, entre 1960 e 1970; também está sob sua guarda documentos relativos à disciplina de “Etnologia Indígena”, da remota Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFPA (BELTRÃO, 2003, p. 1). De acordo com Beltrão (2003, p. 2, grifo do autor), as peças estão agrupadas em “[...] *Etnologia Indígena, População Urbana/Cultos Afro-Brasileiros, População Interiorana* [...]”, que foram coletadas por pesquisadores em comunidades indígenas, casas de culto

17. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS. *MUGEO*. Disponível em: <http://www.ig.ufpa.br/index.php/mugeo>. Acesso em: 13 jul. 2020.

18. GRUPO DE MINERALOGIA E GEOQUÍMICA APLICADA. *Boletim do Museu de Geociências da Amazônia – BOMGEAM*. Disponível em: <http://gmga.com.br/bomgeam/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

19. GRUPO DE MINERALOGIA E GEOQUÍMICA APLICADA. *Acervo*. Disponível em: <http://gmga.com.br/#museu>. Acesso em: 27 jul. 2020.

afro-brasileiros, estabelecimentos comerciais, prefeituras de diversos municípios, margens de rios, estradas e colônias agrícolas do estado do Pará. Somando os artefatos de cada grupo, a reserva comportava mais de 1.500 peças no início do século XXI (BELTRÃO, 2003).

A autora destaca que o estudo das coleções da Reserva Técnica “[...] significa inovar e renovar peças, até então, ‘encerradas’ num acervo que, vez por outra, deixavam/deixam o confinamento para exposições temporárias [...]” nacionais e internacionais e reforça que as reservas são pertinentes para alicerçar e fortificar “ações de pesquisa e comunicação científica”. Ela também aponta que as coleções se comportam como “dossiês” a respeito de suas origens, evidenciando “[...] o contexto histórico da produção, da coleta e do espaço ocupado pelas reservas e/ou museus [...]”. Ademais, surpreendem o público quando expostas ou apresentadas, seja em ambiente interno ou externo a Instituição (BELTRÃO, 2003, p. 2).

Por fim, a estudiosa retrata que a documentação e o registro das peças foram realizados a partir das pesquisas concebidas por profissionais da universidade ou vinculados à instituição. O que se mostrava introdutório era o estudo das coleções “[...] ‘em si’, oferecendo excelente material empírico para reflexão e contextualização de objetos coletados na segunda metade do século XX” (BELTRÃO, 2003, p. 4).

4.6 Núcleo de Medicina Tropical (NMT)

A Coleção Documental e Bibliográfica “Prof. Dr. Habib Fraiha Neto”, na realidade é a biblioteca do NMT da UFPA. Criada em 1973, somente em 1988 integrou-se no apoio a pós-graduação em Doenças Tropicais. Tem como missão “promover o acesso à informação na área das Doenças Tropicais e Patologia Regional com o propósito de apoiar o ensino, pesquisa e extensão para melhoria da qualidade de vida da população amazônica”²⁰.

Em contrapartida, a Coleção Entomológica de Animais Peçonhentos da Amazônia possui um *site* próprio, o qual se refere ao Laboratório de Entomologia Médica e Animais Peçonhentos (LEMAP). Criado em 2006, o laboratório atua no estudo de animais peçonhentos da região

20. NÚCLEO DE MADICINA TROPICAL. *Biblioteca*. Disponível em: <http://www.nmt.ufpa.br/biblioteca/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

amazônica, em especial na fauna escorpiónica. Recebe animais ligados a acidentes ou não, identificando os espécimes e integrando, se possível, em projetos de pesquisa²¹.

4.7 Museu da UFPA (MUFPA)

O Museu da UFPA (MUFPA), criado pela universidade e único museu que consta no regimento e PDI, está abrigado no Palacete Augusto Montenegro, que foi construído para ser o domicílio do governador de mesmo nome, no início do século XX e, a partir de 1983, passou a acolher o museu. O prédio foi adquirido pela UFPA em 1965 para acomodar a Reitoria, que, posteriormente, foi transferida para a cidade universitária. Em 1983, o Museu da UFPA é criado e, a partir de 1984, o palacete passa a abrigá-lo (BRITTO, 2014, p. 234). Em 2002, o prédio foi “tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Estado, [...], por representar uma das edificações características do início do ecletismo arquitetônico da região” (BRITTO, 2014, p. 235). A autora reforça que desde 2003 o MUFPA realiza atividades destinadas à preservação e ao restauro arquitetônico, aliadas ao seu papel: ser um museu de arte (BRITTO, 2014, p. 238).

A subordinação do MUFPA à universidade é uma singularidade em comparação aos outros que respondem aos institutos, dificultando o desenvolvimento desses locais devido à burocracia dos trâmites entre unidades (MARTINS, 1988). Ainda que o museu possua uma situação ímpar na universidade, a necessidade de uma definição institucional, na categoria museu ou coleção, ainda se apresenta frente ao potencial de operar estes possíveis museus e coleções em rede, de forma a dar maior visibilidade à diversidade de coleções e relações entre os diferentes objetos.

Martins (1988) expõe que a hierarquia e a burocracia universitária dificultam o crescimento de museus e coleções universitárias, principalmente os pequenos relacionados a departamentos, no que diz respeito a recursos e funcionários. Segundo Marques e Silva (2011, p. 77), a complexidade dos museus universitários se define nas “muitas missões e atribuições

21. LABORATÓRIO DE ENTOMOLOGIA MÉDICA E ANIAMIS PEÇONHENTOS. *Sobre nós*. Disponível em: <https://lemap-ufpa.webnode.com/sobre-nos/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

particulares, frutos das atividades museais e, portanto, não podem ser tratados de forma igualitária a outros órgãos institucionais”. Por outro lado, as coleções universitárias departamentais ou de unidades não têm como rotina alguns processos museológicos, sua principal função está voltada para adquirir, conservar e pesquisar, podendo ou não “divulgar e/ou expor o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente” (MARQUES; SILVA, 2011, p. 67).

Os museus e coleções da UFPA desenvolvem atividades, principalmente de extensão, todavia isso só é possível por meio da pesquisa e do ensino. Como exposto, diversos espaços são interligados aos projetos de extensão da universidade, todavia, ainda carecem de falta de reconhecimento em relação ao conhecimento dentro e fora do ambiente universitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre os museus e coleções universitárias é importante para o conhecimento da comunidade acadêmica sobre esses locais. O levantamento realizado mostra que existe um quantitativo considerável de espaços e que eles se mostram participativos nas atividades de pesquisa, ensino e extensão, seja com público externo ou interno. Todavia, os ambientes necessitam de destaque e de atenção pela Universidade e seus Institutos. Com o I Encontro do Museu da Educação, em 2017, almejou-se evidenciar este lugar existente no instituto, porém ele não o reconhece em seu regimento interno. Percebe-se que poucos espaços são reconhecidos por suas unidades, mas que isso não impede do funcionamento de tais museus, à primeira vista. O mesmo cenário se repete com as zonas pertencentes ao ICEN: não há inclusão no regimento, mas são espaços com grandes anseios de divulgação científica e que praticam atividades com essa finalidade.

Os museus universitários podem contribuir para a difusão científica, cultural e tecnológica, ampliando a visibilidade da diversidade de coleções da universidade. Para isso, é necessário um planejamento estratégico dos museus voltado para uma atuação em rede que dialoga e potencializa as ações de ensino, pesquisa e extensão. A UFPA possui um rico leque de possibilidades para divulgação da ciência, história e de seu patrimônio, como no caso do Museu da Educação. É fundamental

o reconhecimento desses museus e coleções de forma a viabilizar o desenvolvimento dos espaços e para o crescimento da universidade. Por fim, as questões de ensino, pesquisa e extensão investigadas, neste artigo, não se circunscrevem aos museus e às coleções da UFPA, podendo ser estendidas para qualquer museu universitário, desde que sejam evidenciadas as peculiaridades de cada um deles.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana M. *Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo?* 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. DOI: 10.11606/T.27.2001.tde-10092003-160231.

BELTRÃO, Jane Felipe. Coleções etnográficas: chave de muitas histórias. *DataGramaZero*, [s. l.], v. 4, n. 3, p. A01, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6781>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BRAGANÇA-GIL, Fernando. Museus universitários: sua especificidade no âmbito da museologia. In: SILVA, Armando Coelho da; SEMEDO, Alice (coord.). *Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil*. Porto: Universidade do Porto, 2005. p. 3352. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7644.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BRASIL. Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Regulamento institui o estatuto de museus e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 16 nov. 2019.

BRITTO, Rosangela Marques de. *Os usos do espaço urbano das ruas e do patrimônio cultural musealizado na “esquina” da “José Malcher” com a “Generalíssimo”*: itinerários de uma antropóloga com uma rede de interlocutores no bairro de Nazaré (BelémPA). 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2JTGdiC>. Acesso em: 8 abr. 2020.

BRUNO, Maria Cristina O. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 10, n. 10, p. 4751, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/39U2Owy>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRUNO, Maria Cristina O. Museus universitários hoje. *Ciências em Museus*, Belém, n. 4, p. 27-33, 1992.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitoschave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria do Estado de Cultura, 2013.

EDUCAÇÃO. In: *Priberam Dicionário. Priberam Informática*, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ensino>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GONÇALVES, Nadia G. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um princípio necessário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3A8OSte>. Acesso em: 10 fev. 2020.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Statutes*. Paris: ICOM, 2017.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciência & Educação*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3A4QowE>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MARQUES, Roberta S.; SILVA, Rejane M. L. da. O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-84, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2GcXOkL>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MARTINS, Ubirajara. Museus universitários. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 623-627, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/2XZFykG>. Acesso em: 25 maio 2019.

PARÁ. Regimento geral. *Diário Oficial do Estado do Pará*, Belém, 29 dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2O1A9dc>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PUHL, M. J. O conhecimento e o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, v. 16, n. 69, p. 222-232, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/39UjLHs>. Acesso em: 10 fev. 2020.

RIBEIRO, Emanuela S. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, DF, v. 2, n. 4, p. 88-102, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/39Z7wt4>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, Manuela S. M. F.; COSTA, Sue A. F. Museus e coleções da UFPA: os espaços existentes no Instituto de Ciências Biológicas (ICB). *Museologia & Interdisciplinaridade*, [s. l.], v. 8, n. 15, p. 255-274, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3QRuJOA>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museus universitários: novas perspectivas. In: ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 4., 2006, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: [s. n.], 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3oWsmXk>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SCHEINER, Tereza C. Museus universitários: educação e comunicação. *Ciências em Museus*, Belém, n. 4, p. 15-19, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Plano de desenvolvimento do Núcleo de Medicina Tropical – NMT 2018-2020*. Belém: UFPA, 2017a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Plano de desenvolvimento institucional 2016-2025*. Belém: UFPA, 2017b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Regimento do Instituto de Geociências*. Belém: UFPA, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3yoFvog>. Acesso em: 26 jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Resolução n. 630, de 12 de novembro de 2007*. Cria o Instituto de Ciências Biológicas. Belém: Conselho Universitário, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3y1vvja>. Acesso em: 26 jun. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *UFPA em números*. Belém: UFPA, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. UFPA inaugura Museu de Anatomia Humana e Funcional. *UFPA*, Belém, [2019?]. Disponível em: <https://bit.ly/3ykwz3D>. Acesso em: 17 dez. 2019a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. UFPA moderniza técnicas para conservação de peças anatômicas. *UFPA*, Belém, [2020?]. Disponível em: <https://bit.ly/3NtDgnI>. Acesso em: 4 abr. 2020

